

Rádio Caxias 66.6 AM¹

Lucas Cardoso JARDIM²
Anna Carolina Almeida BATISTA³
Andreza Maria Cunha FRANÇA⁴
Gabriel de Souza OLIVEIRA⁵
Izinha Toscano de MELO⁶
Jéssica Xavier AMORIM⁷
Oswaldo de Oliveira Pantoja NETO⁸
Ítala Clay de Oliveira FREITAS⁹

Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM

RESUMO

O programa *Rádio Caxias 66.6 AM* surgiu a partir de uma proposta em sala de aula de adaptar uma obra literária para o formato radiofônico, exercitando assim a construção sonora e as possibilidades do meio. Em um formato baseado em radioteatro, o programa reconta a história do Livro do Apocalipse, tomando como referência o estilo da clássica transmissão de *Guerra dos Mundos* feita por Orson Welles, além de assumir um tom cômico e adaptado para o contexto da realidade local.

PALAVRAS-CHAVE: rádio; adaptação; apocalipse; humor; radioteatro.

1. INTRODUÇÃO

O rádio é um meio de comunicação em massa que consegue desenvolver uma relação afetiva muito forte entre o emissor e o público, fazendo pleno uso do envolvimento emocional obtido através do som. Esse envolvimento permanece mesmo com a introdução de vários novos meios de comunicação, como a televisão, e mesmo muitas estruturas utilizadas por esta advêm do rádio. O teórico da comunicação Marshall McLuhan já reconhecia essa sensibilidade presente no rádio, comparando-o até mesmo a um “tambor tribal”, ao notar o quanto as possibilidades do meio poderiam ser exploradas:

¹ Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na categoria Rádio, TV e Internet, modalidade Programa laboratorial de áudio (avulso ou seriado).

² Aluno líder do grupo e estudante do 6º semestre do Curso de Jornalismo. E-mail: lucjardim@gmail.com.

³ Estudante do 6º semestre do Curso de Jornalismo. E-mail: anna.abatista@gmail.com.

⁴ Estudante do 6º semestre do Curso de Jornalismo. E-mail: andrezamarianfc.jornalismo@gmail.com.

⁵ Estudante do 6º semestre do Curso de Jornalismo. E-mail: gaabriel.oliveira92@gmail.com.

⁶ Estudante do 6º semestre do Curso de Jornalismo. E-mail: izinha_toscano@hotmail.com.

⁷ Estudante do 6º semestre do Curso de Jornalismo. E-mail: jxamorim@gmail.com.

⁸ Estudante do 6º semestre do Curso de Jornalismo. E-mail: netopantoja93@gmail.com.

⁹ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo. E-mail: iclayfreitas@hotmail.com.

O rádio afeta as pessoas, digamos, como que pessoalmente, oferecendo um mundo de comunicação não expressa entre o escritor-locutor e o ouvinte. Este é o aspecto mais imediato do rádio. Uma experiência particular. As profundidades subliminares do rádio estão carregadas daqueles ecos ressoantes das trombetas tribais e dos tambores antigos. Isto é inerente à própria natureza deste meio, com seu poder de transformar a psique e a sociedade numa única câmara de eco. A dimensão ressonadora do rádio tem passado despercebida aos roteiristas e redatores, com poucas exceções. A famosa emissão de Orson Welles sobre a invasão marciana não passou de uma pequena mostra do escopo todo-inclusivo e todo-envolvente da imagem auditiva do rádio. (MCLUHAN, 1974, p. 336-337)

Fazendo pleno uso dessa capacidade do rádio descrita por McLuhan de envolver e conectar-se diretamente com seu centro emotivo, gêneros como o radioteatro se propuseram a trazer o espetáculo para o meio radiofônico, como nos descreve o pesquisador Guilherme Udo (2013, p. 2): “o radioteatro pode ser definido como uma série de cenas e sequências, com diálogos, descrições e elementos radiofônicos que contam uma história”. Mais especificamente, Costa (2013) explica que “o radioteatro constituía-se em narrativas de duração limitada com uma ou duas horas de transmissão, sendo concluídas no mesmo dia ou noite”. Sendo assim, contrastando com a radionovela, que tem a discricionariedade de envolver os seus ouvintes com o tempo, uma vez que promove uma serialização muito maior, o radioteatro tem de estabelecer uma atmosfera e gerar uma expectativa em pouco tempo. Para tanto, conta com os arsenais emocionais do rádio, como bem ilustra Ortriwano:

O rádio envolve o ouvinte, fazendo-o participar por intermédio da criação de um diálogo mental com o emissor: é a sensorialidade que se faz presente. O ouvinte visualiza o fato narrado através dos estímulos sonoros que recebe, da entonação vocal, da tonalidade, do ritmo da mensagem. A imaginação é despertada pela emocionalidade das palavras e dos recursos de sonoplastia, permitindo que o receptor dê asas às suas expectativas individuais, à sua imaginação. (ORTRIWANO, 1998, p. 140)

Assim como as radionovelas, porém, o radioteatro foi perdendo espaço no rádio tradicional, e, se o papel do rádio no jornalismo continua largamente inalterado ante o seu imediatismo e o seu alcance, o mesmo não se pode falar da radiodramaturgia em geral, que muito sofreu com a crescente necessidade do mundo por imagens.

Nesse contexto, nota-se que o curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas, no anseio por uma educação de escopo ampliado e pela formação de profissionais adaptados a vários tipos de meios, de mensagens e de receptores, é categórico em manter a tradição da comunicação por rádio dentro da sua grade curricular, uma vez que esse mercado ainda existe e que a perspectiva histórica que seu estudo provê é inestimável.

De fato, no atual projeto político-pedagógico do curso encontra-se o compromisso com essas demandas da sociedade da informação, sem esquecer da ênfase às novas tecnologias e ao pensamento crítico-reflexivo sobre a realidade local-nacional. A atual matriz curricular do Curso de Jornalismo estrutura os conteúdos conjugando as disciplinas em módulos, reforçando tanto a aquisição de referenciais teóricos quanto o trabalho laboratorial. No sexto período, o módulo em vigência é o de rádio, que, para além da construção do texto jornalístico tradicional, também prevê experiências e construções sonoras em novas searas, como a dos *podcasts*, um meio que mantém a forma sonora do rádio, mas o liberta de várias amarras de tempo e de conteúdo, abrindo novas possibilidades e, sim, um novo mercado.

Pedagogicamente, é interessante para a universidade, ainda mais se levarmos em conta o seu caráter público, voltado para a melhoria da sociedade, preparar jornalistas que consigam fazer uso dessas possibilidades de forma a contribuir para o enriquecimento do meio radiofônico como um todo. Nesse sentido, a disciplina de Webrádio (*Podcast*), ministrada no primeiro semestre de 2014 pela Prof.^a Dr.^a Ítala Clay, propôs trabalhos que estimulassem o pensamento sobre o som e suas possibilidades, e que não se limitassem a um escopo puramente jornalístico.

Foi no âmbito dessa disciplina que surgiu o programa *Rádio Caxias 66.6 AM*. Em busca de, simultaneamente, exercitarmos a linguagem inerente ao meio sonoro e fazermos pleno uso dos recursos dos quais o meio dispõe, a proposta do trabalho era adaptar um conto ou outra obra literária curta para um programa de rádio dividido em três episódios. Além disso, todos tinham carta branca. A obra escolhida pela equipe acabou sendo o Livro do Apocalipse, um dos textos do cânone bíblico do Cristianismo, a partir de uma indagação: como seria se essa história popularmente conhecida fosse narrada através de um radioteatro, aos moldes da clássica transmissão de Orson Welles de *Guerra dos Mundos*?

2. OBJETIVO

O objetivo do trabalho era adaptar uma obra literária para o formato radiofônico, levando em conta as mudanças necessárias nesse processo de adaptação. A equipe optou pelo Livro do Apocalipse, um dos principais textos da Bíblia, motivada pelo desafio de adaptar uma obra complexa e extensa em um formato curto, com a possibilidade de criar um conteúdo original sem perder a referência ao texto original, e buscando adaptá-lo ao contexto local da equipe – nesse caso, a cidade de Manaus.

3. JUSTIFICATIVA

Com o advento do formato *podcast*, é importante explorar suas possibilidades. A plataforma virtual permite a criação de gêneros e diferentes encarnações dos antigos, misturando técnicas antigas e recentes, e experimentando em forma, conteúdo e tom, além de atingir um público maior e inserir novos elementos, como a interatividade. Nesse contexto, gêneros como o radioteatro podem ser resgatados como inspiração para novas criações.

Ademais, o programa de rádio, independentemente de seu gênero, é uma plataforma que requer a construção impecável do som, pois é através dele que a totalidade da mensagem e/ou narrativa será passada. Esse tipo de conhecimento é indispensável num curso de Jornalismo, uma vez que o repórter terá de ter pleno domínio dos meios a seu dispor para passar uma ideia ou causar uma sensação.

Além disso, ao trabalhar com a adaptação de uma obra conhecida, a equipe pode experimentar o processo de tradução do verbo em som, atribuindo-lhe uma nova vida. Daí surge a oportunidade de resgatar textos esquecidos, através de roupagens com as quais a audiência possa se relacionar melhor – é possível, por exemplo, aplicar o contexto local na adaptação do texto, trazendo assim elementos críticos e reflexivos sobre o cotidiano do público ouvinte. Adami (2001) reflete sobre essa questão:

Podemos observar através da imagem-sonora as possibilidades do texto verbal se transformando em imagem real, a partir dos diferentes sons. Os autores e suas obras adquirem nova vida, uma nova roupa em um novo tempo e espaço. Adaptar é como reconstruir uma casa em um novo local. Monta-se a lareira, os vitrais, os lustres, a pintura e está lá a casa. Pode-se manter a originalidade ou torná-la um Frankenstein. É um exercício constante de reconstrução de imagens, a partir de sons, apenas pressupostas no texto de partida. É isso o que fascina, pois a literatura cria uma relação de cumplicidade muito grande com o leitor, que dependendo de sua visão, cultura, informação, etc. pode chegar a um maior aprofundamento ou não no entendimento da obra. (ADAMI, 2001, p. 3)

Logo, o processo de adaptação e criação do programa torna-se importante não só como exercício para a equipe responsável, mas também para o público que pode ter contato com a obra literária em um contexto diferente do usual.

4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Adaptar qualquer obra de uma linguagem para outra envolve um processo de tradução em que elementos se transformam para melhor atingirem o público através de um suporte diferente do original. No caso do rádio, a adaptação exige atenção redobrada, uma vez que a construção sonora resultante deve soar bem atrativa para o ouvinte – caso contrário, ele vai se distrair ou simplesmente deixar de lado o programa. Afinal, uma vez que não há apelo visual, o rádio deve se valer de elementos que possam estimular o público, como bem afirma Balsebre (1996, apud Barbosa Filho, 2004): “[...] a significação da linguagem radiofônica vem determinada por um conjunto de fatores que caracterizam o processo de percepção sonora e imaginativo-visual dos radiouvintes”.

Pensando nisso, a equipe buscou por um método de adaptação em que pudesse converter de maneira eficaz a ideia geral da obra em uma construção sonora, aproveitando-se de elementos que potencializassem o resultado. Nesse sentido, a pesquisadora Ana Rosa Gomes Cabello contribuiu para ajudar a definir o caminho a ser traçado. Para ela,

A transcodificação da obra literária - para o meio de comunicação mais fugidio - pressupõe um trabalho de construção sonora dessa obra. Para dar conta dessa transposição, torna-se indispensável perpassar pelas seguintes fases: (a) a fase de preparação que consiste na elaboração do texto e do roteiro, (b) a fase da execução que consiste nos ensaios e na definição da interpretação requerida, (c) a fase da produção que consiste na gravação, e (d) a fase da pós-produção que consiste numa revisão geral. (CABELLO, s.d., p. 4-5)

Baseado nesse processo descrito pela autora, a equipe começou o percurso pela leitura do Livro do Apocalipse, selecionando os trechos mais importantes da obra e que incitavam maiores possibilidades de construção sonora. Assim, o roteiro foi escrito pelos alunos Gabriel Oliveira e Lucas Jardim, incorporando sugestões e ideias dos outros membros do grupo, a fim de manter a simplicidade e a fluidez do rádio.

A partir disso, as leituras em grupo ajudaram na construção dos personagens, bem como serviram como audições – quem melhor incorporava a ideia coletiva de uma determinada personagem ficava encarregado de interpretá-la. A exceção a essa regra foi a personagem interpretada por Andreza Cunha, que foi escrita com base em características próprias de sua intérprete. Alguns membros do grupo tiveram mais de um papel e outros, numa cena metalinguística, também interpretaram a si mesmos.

A primeira ideia era fazer um radiodrama que, de alguma forma, mantivesse em segredo a obra na qual o programa seria baseado, mas essa ideia se mostrou conflitante com

o formato seriado proposto. Mudando a abordagem, optou-se por fazer uma narração pseudojornalística dos acontecimentos já previamente selecionados do Livro do Apocalipse, à moda de Orson Welles em sua seminal transmissão de *Guerra dos Mundos*, o que decididamente apareceu no roteiro. Sobre a estrutura da leitura de Welles e seu impacto no ramo radiofônico, Ortriwano comenta:

No especial do Radioteatro Mercury da véspera do Dia das Bruxas de 1938 - denominado Mercury's Halloween Show -, através dos sons, foi representada uma invasão de marcianos do ponto de vista de uma cobertura jornalística. Todas as características do radiojornalismo usadas na época - às quais os ouvintes estavam habituados e nas quais acreditavam - se faziam presentes: reportagens externas, entrevistas com testemunhas que estariam vivenciando o acontecimento, opiniões de especialistas e autoridades, efeitos sonoros, sons ambientes, gritos, a emotividade dos envolvidos, inclusive dos pretensos repórteres e comentaristas, davam a impressão de um fato real, que estava indo ao ar em edição extraordinária, interrompendo outro programa, o radioteatro previsto. [...] Welles misturou elementos específicos da estética radioteatral (a ficção, a dramatização) com os elementos presentes nos noticiários (o verossímil, a realidade convertida em relato). Na apresentação comemorativa do Dia das Bruxas de 1938, os acontecimentos se sucediam, num crescendo, desde os relativamente críveis até os totalmente inacreditáveis. (ORTRIWANO, 1998, p. 133-134 e 139)

Inspirados pelas possibilidades do radioteatro, acabamos abandonando o formato seriado e fizemos um produto único. O processo também foi influenciado por *podcasts* atuais como o americano *Welcome to Night Vale*¹⁰, de Joseph Fink e Jeffrey Cranor, cuja aura sombria influenciou muito o tom e o ritmo do conceito inicial.

A ideia de não revelar inicialmente qual obra estava sendo adaptada permaneceu no roteiro, que optou por uma revelação gradual. Isso limitou bastante as escolhas dos trechos do Apocalipse que poderiam ser incluídos: passagens muito conhecidas não poderiam entrar no roteiro e as que fossem conhecidas, mas inevitáveis, teriam de passar por uma releitura. As releituras deram margem a uma porção de outras ideias que foram aumentando o escopo do projeto. A ideia de inserir o fim do mundo num contexto local permitiu várias tiradas com o cotidiano da cidade de Manaus. Igualmente, com a necessidade de manter o suspense quanto ao fim do mundo para o final do programa, os personagens começaram a tomar forma, com suas características e idiosincrasias. Surgiu a ideia de brincar com certos

¹⁰ No ar desde junho de 2012, *Welcome to Night Vale* é um *podcast* apresentado no formato de programa de rádio, ambientado na cidade fictícia de Night Vale, um lugar onde “todas as teorias da conspiração são reais”. O *podcast* foi criado e é produzido por Joseph Fink; escrito por ele, juntamente com Jeffrey Cranor; e narrado por Cecil Baldwin. Os episódios do *podcast* são disponibilizados quinzenalmente no site oficial: <http://commonplacebooks.com/welcome-to-night-vale/>

estereótipos do rádio e do jornalismo por meio dos personagens, que, de certa forma, satirizam tipos do dia-a-dia, como repórteres obstinados, apresentadores excêntricos, estagiários sobrecarregados, entre outros.

Conforme os personagens foram se desenvolvendo, o projeto todo tomou um rumo mais autoral, transformando o Livro do Apocalipse em um mero ponto de partida para a narrativa. Embora a obra original ainda seja referenciada, a equipe percebeu a necessidade de injetar na história novos elementos que despertassem interesse e dessem fluidez ao programa. Antonio Adami, pesquisador que já trabalhou com adaptações radiofônicas de textos de Machado de Assis, também comenta sobre essa questão:

[...] quando tratamos de linguagens tão distintas, ao fazermos uma sinopse, devemos mesmo romper e fragmentar o texto literário e deixá-lo próprio para uma outra forma de construção televisiva/fílmica/radiofônica, ou seja, aparar as arestas do que convencionamos chamar "literário" (as obras escritas, na medida em que denotam um signo de preocupações estéticas) e a deixarmos mais sequencial, linear, destacando as ações das personagens. (ADAMI, 2001, p. 6)

A gravação ocorreu de forma natural e muitas das tomadas utilizadas no produto final foram as primeiras. Isso se deu por conta das leituras prévias feitas logo antes das gravações, que permitiram ajustes e correções cruciais. A edição, feita pela técnica de áudio do Departamento de Comunicação Social da Ufam, Shelly Sicsú, e coordenada por Gabriel Oliveira, fez uso de vinhetas, *backgrounds* e *loops* criados a partir de arquivos de áudio previamente pesquisados e selecionados por Gabriel Oliveira e Lucas Jardim. O *software* utilizado para a gravação e edição foi o *Sony Sound Forge*, uma ferramenta bastante conhecida por editores e produtores de áudio profissionais e semiprofissionais.

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O produto é um programa de rádio em estilo de radioteatro intitulado *Rádio Caxias 66.6 AM*, de 21 minutos de duração. O tom experimental do programa se beneficia de um meio mais livre de forma como a *web*, mas não impossibilita sua transmissão via rádio.

Na história, o locutor Carlos já está mais do que acostumado a dar notícias fora do comum em seu programa diário, o *Ecos da Notícia*. Mas nada o preparou para certa tarde, quando uma série de acontecimentos fantásticos ocorre na cidade de Manaus, e ninguém sabe ao certo a causa desses eventos. Ao lado da equipe da Rádio Caxias, formada por uma repórter obstinada que não aceita um “não” como resposta, um estagiário estressado com o

trabalho e uma apresentadora sofisticada e esotérica, Carlos noticia em tempo real esses fatos estranhos, até o seu épico fim.

O resultado, embora incorpore claramente o estilo da transmissão de *Guerra dos Mundos*, de Orson Welles, ao contar a história do Apocalipse como se noticiada por uma emissora de rádio em tempo real, se caracteriza por um tom mais cômico em contraponto ao sentido de urgência da adaptação de Welles. Mesmo com esse aspecto satírico, o programa ainda mantém elementos de suspense, a fim de manter o ouvinte atento e curioso pelo decorrer dos acontecimentos.

6. CONSIDERAÇÕES

A nossa contemporaneidade já é marcada por estímulos cada vez mais visuais, em que a força da imagem predomina em meios como a TV, a *web*, a imprensa, etc. Mas a comunicação não é só imagem; por isso, como jornalistas, é importante estudar o impacto da dimensão sonora no processo de comunicação. Construir o programa foi essencial nesse sentido: a cada fase do processo, seja no roteiro ou na gravação e edição, a equipe percebia o quanto era importante pensar não só as palavras, mas qualquer elemento sonoro que se tornava uma informação a mais no contexto da obra: efeitos sonoros, músicas, BGs, vinhetas, tudo. Foi um exercício intenso de audição, que apurou nosso sentido e nos lembrou constantemente que o poder desse meio não deve ser subestimado.

O resultado provou-se eficaz logo na primeira audição do produto finalizado: o evento *Contos Sonoros: uma experiência em podcast*, realizado em 5 de fevereiro de 2014, na Universidade Federal do Amazonas, apresentou a *Rádio Caxias 66.6 AM* e outros trabalhos produzidos no decorrer da disciplina a um público de alunos de diferentes cursos da universidade, além de uma banca composta de professores do Departamento de Comunicação Social da Ufam e um professor convidado do Departamento de Artes. A apresentação teve uma repercussão positiva: o público se mostrou bem entretido, e alguns dos professores da banca avaliadora elogiaram a releitura do texto bíblico original, que trouxe novos elementos que exploram a dimensão sonora da comunicação.

Após o evento, o programa foi disponibilizado para audição na *web*¹¹, onde permanece acessível a qualquer internauta. A inserção do produto na internet também traz consigo novas ideias: com o objetivo de aumentar o alcance do mesmo, percebemos que é

¹¹ <https://soundcloud.com/lucasjardim/ra-dio-caxias-66-6-am>

necessário desenvolver estratégias que façam uso das possibilidades oferecidas pelo meio virtual, como um planejamento de mídias sociais ou de viralização do produto.

Como forma de expansão do projeto, a equipe também planeja adaptar o programa para o teatro em si, fazendo aqui um processo inverso – se o comum era adaptar peças de teatro para o formato de radioteatro, aqui planejamos fazer o contrário. O *podcast Welcome to Night Vale*, que serviu como inspiração tônica para o produto, tem realizado espetáculos teatrais em várias cidades norte-americanas de maneira bem-sucedida, o que nos abre um fortuito precedente. Além disso, apesar de ser um outro formato, é uma oportunidade de experimentar as possibilidades do som também fora do meio radiofônico – no caso, em um ambiente, com um público presente. Assim, a equipe também poderá reforçar seu aprendizado a respeito da dimensão sonora, o que se mostrou extremamente importante para resgatar esse sentido muitas vezes subaproveitado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMI, Antonio. **O livro e a imagem sonora**. Anais do 24º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Campo Grande/MS, set. 2001. São Paulo, Intercom/Portcom: Intercom, 2001. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/9542027500049521450100345369377337266.pdf>> Acesso em: 7 mar. 2014.

ADAMI, Antonio. Radioconto, radiorromance, radiopoesia: o rádio educativo. **Revista USP**, Brasil, n. 56, p. 86-91, fev. 2003. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/33809/36547>>. Acesso em: 7 mar. 2014.

BARBOSA FILHO, André. A linguagem sonora e a percepção humana. In: _____ et al (org.). **Rádio: sintonia do futuro**. São Paulo: Paulinas, 2004.

CABELLO, Ana Rosa Gomes. **A adaptação literária em programa radiofônico**. [s.n.], Bauru, [s.d.] Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/9eee5550f74c252bb096b1abed7dc1a7.pdf>> Acesso em: 7 mar. 2014.

COSTA, Clarice da Silva. **O radioteatro**. Anais do XIII Congresso Internacional da ABRALIC, Campina Grande/PB, jul. 2013. Disponível em: <http://editorarealize.com.br/revistas/abralicinternacional/trabalhos/Completo_Comunicacao_oral_idinscrito_392_2332d4338517abe8a908bfe9d39c1f4a.pdf> Acesso em: 10 mar. 2014.

MCLUHAN, Marshall. O rádio: tambor tribal. In: _____. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1974. p. 335-345.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. Ok marcianos! Vocês venceram! In: MEDITSCH, Eduardo. **Rádio e pânico: A Guerra dos Mundos, 60 anos depois**. Florianópolis: Insular, 1998. p. 133-153. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/ortriwano-gisela-marcianos.html>> Acesso em: 10 mar. 2014.

UDO, Guilherme. **Radiodramaturgia em diferentes gêneros de produção:** por um novo senso de audição. Anais do 9º Interprogramas de Mestrado Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2013. Disponível em: <http://administrativocasper.fcl.com.br/rep_arquivos/2013/11/27/1385580786.pdf> Acesso em: 10 mar. 2014.